

A DISSIPACÃO DE UMA IDENTIDADE PELA MAQUIAGEM: UMA ANÁLISE DO CONTO “ELE ME BEBEU” DE CLARICE LISPECTOR

Patricia Rodrigues de Souzaⁱ

Resumo

O presente trabalho tem como proposta de trabalho principal discutir questões que orbitam em torno da personagem protagonista do conto clariciano “Ele me bebeu”, presente na coletânea *A via crucis do corpo*. A personagem em questão é Aurélia Nascimento cuja identidade apresenta-se fragmentada ao longo da narrativa por ser aficionada por maquiagem. Para ela, maquiar-se significava um mascaramento facial e social, dissipação esta provocada por Serjoca, responsável por dissipar sua beleza natural. Desta forma, buscaremos discutir a partir do conto, a noção de ser x parecer de identidade a partir de uma análise pela semiótica greimasiana, partindo de BARROS (2005), e por outro, elucidar uma questão subjacente ao conto clariciano: o mito da beleza feminina, a qual para tanto será subsidiado pela discussão teórica de WOLF (1992) em *O Mito da Beleza*. Destarte, este estudo é considerado de importante discussão por reverberar contatos interdisciplinares com a psicanálise, a sociologia e a antropologia.

Palavras-chaves: Subjetividade, Identidade, Alteridade, Semiótica, Clarice Lispector.

LA DISSIPACIÓN DE UNA IDENTIDAD POR EL MAQUILLAJE: UN ANÁLISIS DEL CUENTO “EL ME BEBEU” DE CLARICE LISPECTOR

Resumen

El presente trabajo tiene como propuesta de trabajo principal discutir cuestiones que orbitan en torno al personaje protagonista del cuento clariciano "Él me bebió", presente en la colección *La vía crucis del cuerpo*. El personaje en cuestión es Aurélia Nascimento cuya identidad se presenta fragmentada a lo largo de la narrativa por ser aficionada por maquillaje. Para ella, maquillarse significaba un enmascaramiento facial y social, disipación esta provocada por Serjoca, responsable de disipar su belleza natural. De esta forma, buscaremos discutir a partir del cuento, la noción de ser x opinión de identidad a partir de un análisis por la semiótica de Greimas, partiendo de BARROS (2005), y por otro, elucidar una cuestión subyacente al cuento clariciano: el mito de la belleza femenina, la cual para tanto será subsidiado por la discusión teórica de WOLF (1992) en *El Mito de la Belleza*. De este, este estudio es considerado de importante discusión por reverberar contactos interdisciplinares con el psicoanálisis, la sociología y la antropología.

Palabras claves: Subjetividad, Identidad, Alteridad, Semiótica, Clarice Lispector.

1 – Introdução

Contos escritos por Clarice Lispector, geralmente, apresentam diálogos com outras áreas, bem como estão quase sempre relacionados a uma personagem em um estado de crise introspectiva. No caso do conto “Ele me bebeu” fica estabelecido que Aurélia, personagem principal do conto em referência, encontra-se em crise com sua identidade a partir da maquiagem que usa. Ela, utiliza-se da maquiagem como um artifício que promove uma dialética de jogo *ser x aparecer* diante da sociedade. Diante disso, há uma outra questão que se apresenta: a beleza feminina construída pelo

ⁱ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFC da Universidade Federal do Ceará. Correio eletrônico: patriciarosa96@gmail.com.

recurso da maquiagem. Nos dias hodiernos, mais mulheres adentram no universo da maquiagem por acreditarem que maquiar é uma ação de mudança. Maquiar-se, muitas das vezes, significa empodera-se para determinada circunstância, por exemplo. Contudo, maquiar-se também pode significar uma maneira de aprisionar-se num outro “eu”, ou seja, numa personagem construída a partir da maquiagem.

Nisso, a teoria do discurso atrelada aos estudos em Semiótica entende que o processo de leitura depende de um antecessor: o percurso gerativo do sentido, o qual aponta para os mecanismos de configuração textual e permite, dessa forma, um maior enlace de leitura. Aqui, destacamos que o direcionamento metodológico de nosso estudo será a semiótica greimasiana, a qual acredita que um sujeito terá sempre um objeto de valor que considera eufórico ou disfórico e que, a partir disso, buscará entrar/ou não em conjunção com ele. Por exemplo, no caso da personagem Aurélia o objeto de transformação que ela euforiza é a maquiagem. Ela é no caso um sujeito/destinador, uma vez que mobiliza seu objeto para possa se ajustar a seu objetivo: o mascaramento facial e social. O destinatário, responsável por toda a ação de manipulação é Serjoca.

Publicado no ano de 1974, *A via crucis do corpo*, coletânea de contos, Clarice explora uma outra faceta de escrita literária. Curiosamente, logo no início do conto o leitor depara-se com uma construção fictícia que provavelmente desestabiliza seu leitor, bem como o familiariza: “É, aconteceu mesmo” (LISPECTOR, 1998, p. 47). Ou seja, a narrativa apresenta-se em um tom mais realista possível. Levando-se em conta isso, o seguinte trabalho, ancorado nos teóricos BARROS (2005) e WOLF (1992), buscará explorar a subjetividade da personagem Aurélia que encontra-se com uma crise de identidade no decorrer da narrativa, apagada pela alteridade de Serjoca através do recurso da maquiagem para assim discutir, inclusive, algumas desmistificações no que tange à exploração da temática da beleza feminina.

2 – Desmitificação Do Mito Da Beleza: Beleza Natural X Beleza Artificial

O livro de Naomi Woof, *O mito da beleza*, traz como ponto fulcral de discussão as imagens de beleza que são influências para a construção da beleza feminina. Influências essas, muitas das vezes vindas de meios midiáticos, como nos afirma WOLF (1992):

Essa dose obrigatória do mito da beleza fornecida pelas revistas induz nas leitoras um desejo incontrolável, insaciável e furioso de obter certos produtos e uma fantasia permanente: a espera ansiosa por uma fada madrinha que chegue à porta da leitora e a faça dormir. Quando ela acordar, seu banheiro estará cheio exatamente dos produtos certos para a pele, com instruções detalhadas de uso, e estojos de cores variadas com exatamente a maquiagem exigida (WOLF, 1992, p. 91).

Em acréscimo a este raciocínio, WOLF (1992) estabelece que as mulheres reais que aparecem nas revistas, por ter uma proposta de marketing em volta delas, parecem serem perfeitas,

porém isto é rechaçado pelas espectadoras:

Desnorteadada dentro do paraíso artificial da loja, ela não consegue visualizar o que é que torna identicamente “perfeitos” os anjos retratados e o anjo ao vivo, ou seja, o fato de que todas estão recobertas com uma maquiagem pesada. Essa máscara de pintura tem pouca relação com o mundo lá fora, como fica nítido na aparência deslocada de uma foto de moda numa rua comum. (WOLF, 1992, p. 141).

Por fim, será possível entender com o desdobramento da análise do conto “Ele me bebeu” mais adiante que a personagem Aurélia constitui uma espécie de mulher comum aos mundos hodiernos, uma vez que influenciadas pela mídia de fotografia da moda, acredita que a maquiagem é um artifício necessário para a sua vida em sociedade:

As mulheres sabem que as fotografias de moda são iluminadas profissionalmente com a finalidade de imitar essa qualidade radiante. No entanto, como nós, enquanto mulheres, fomos treinadas para nos vermos como imitações baratas de fotografias de moda, em vez de vermos as fotografias de moda como imitações baratas de mulheres de verdade, recebemos o conselho de estudar formas de iluminar nossas feições (...) (WOLF, 1992, p. 137).

3 – A Identidade Dissipada Pela Maquiagem: Uma Análise Da Personagem Aurélia De “ELE Me Bebeu” De Clarice Lispector

Os personagens claricianos costumam apresentar características diferenciadas se comparadas às de outros escritores. O diferencial está em sua personagem ser explorada no que pensa, a literatura deixa em segundo plano um engajamento ao contexto e amplia uma maior vazão de importância ao descortinar a introspecção de um indivíduo. Essa singularidade é chamada de “fluxo de consciência” e “epifania” e caracteriza um maior enfoque na mente da personagem, logo, as histórias no estilo clariciano não são lineares. Inclusive, Clarice costumava expressar que “Tem gente que cose para fora, eu coso para dentro”.

A partir da leitura percebe-se que o conto clariciano “Ele me bebeu” apresenta uma personagem nomeada de Aurélia Nascimento e que anseia por duplicar-se, ou seja, ser outra. E isto procedendo da seguinte forma: Aurélia busca, com o auxílio de seu amigo e maquilador, Serjoca, um mascaramento facial (e conseqüentemente social) através do uso de uma pintura facial feito por maquiagem. A obsessão, inicialmente, é somente pelo trabalho do maquilador Serjoca, homem homossexual que sempre produziu o rosto de Aurélia, logo em seguida tornam-se bons amigos. E eis que um dia, há uma transição, um momento em que a protagonista percebe que sua beleza natural é “arrancada” para dar lugar a uma beleza artificial, a qual desprovia seu verdadeiro rosto.

Posteriormente, o conto projeta a entrada de um novo personagem, Afonso, um rico industrial, pelo qual Aurélia logo se interessa. Porém, com o transcorrer da narrativa, surge um interesse homoafetivo em Serjoca por Afonso, e o interesse este recíproco e que formará um triângulo amoroso (Serjoca – Afonso-Aurélia). Nisso, surge uma rivalidade entre Serjoca e Aurélia

e acaba repercutido na maquiagem que já não era como antes. Agora, estava escondendo traços que exaltariam sua beleza. Tudo isto culmina numa autorreflexão na protagonista, que se olha no espelho e via-se “renascer”, pois buscou apresentar mais socialmente a sua máscara facial: a maquiagem.

A angústia e desilusão com que ela começa a refletir sobre si mesma faz pensarmos na forma que a autora quis caracterizar “duas Aurélias” que contrastam: a do início da narrativa, uma Aurélia caracterizada por perucas, cílios e seios postiços e outra que, no fim, numa epifania, ressurgue com uma identidade nova, a qual se reconhece e redescobre, e que no fim do conto, fica também impactado, uma vez que o narrador projeta a personagem com um sobrenome marcante, que é “Nascimento”: “No espelho viu enfim um rosto humano, triste, delicado. Ela era Aurélia Nascimento. Acabara de nascer. Nas-ci-men-to” (LISPECTOR, 1964, p. 51).

Daqui em diante, a análise prosseguirá para o desmembramento em níveis metodológicos promovidos pela semiótica greimasiana.

4 – Nível Fundamental

4.1 – Semântica fundamental

Ao observarmos a mobilização do sentido e, se enfocarmos o elemento maquiagem, este seria agente transformador da protagonista, uma vez que é o objeto pelo qual Aurélia deseja entrar em conjunção, pois usará “sempre que quer ficar linda” (LISPECTOR, 1964, p. 64), uma vez que este elemento oferece-lhe uma máscara para sua face e para sua vida social. O movimento da estrutura do conto parte da afirmação de um parecer de Aurélia, que queria constituir-se linda “Todas as vezes que Aurélia queria ficar linda ligava para Serjoca” (LISPECTOR, 1964, p. 47) para depois negar esse parecer e valorizar sua própria essência. “No espelho viu enfim um rosto humano, triste, delicado” (LISPECTOR, 1964, p. 51).

4.2 – Sintaxe fundamental

A configuração sintática do nível fundamental, em que se marca a oposição ou as oposições semânticas em que se constrói o texto, poderia resumir-se a um enunciado mínimo: “Serjoca maquia Aurélia para esta ficar linda, porém, com o passar do tempo percebe-se que ele arranca-lhe o rosto”. Articulam-se, assim, os dois elementos em oposição no nível fundamental ao nível imediatamente superior, o narrativo. Observamos que esse enunciado mínimo reproduz uma transformação de estado, pois parte da afirmação de estado conjuntivo com o sentimento de parecer, para chegar a um estado disjuntivo com o parecer. De acordo com a mobilização dos elementos opositivos na estrutura narrativa do conto de Clarice, a aparência (não-ser) é valorizado

positivamente e a essência (ser), negativamente. Nesse instante, está-se observando o princípio semântico de produção dos elementos em oposição no discurso em que o parecer (não ser) tem um valor eufórico e o ser, um valor disfórico.

Além das relações mencionadas e de sua determinação axiológica, estabeleceu-se um percurso no nível das estruturas fundamentais na qual parte da aparência positiva à essência negativa.

Aparência-----	não aparência-----	essência
(euforia)	(não euforia)	(disforia)

5 – Nível Narrativo

5.1 – Sintaxe narrativa

No nível narrativo, além do programa narrativo suprarreferido, constata-se no conto a mudança de estado da actante Aurélia que está em conjunção para disjunção. O nível das estruturas narrativas faz com que se assumam valores por um sujeito e circule entre sujeito graças à ação de outros. No nível das estruturas narrativas, tem-se a seguinte narrativa mínima (uma transformação de estado, ou seja, um sujeito está em relação de conjunção ou disjunção inicial para, por fim, encaminhar-se a um estado final inverso): Aurélia, ao ser maquiada, está em conjunção com o objeto valor aparência, adquirindo, assim, competência para sair de casa e ter uma vida social. Ao ser pintada facialmente por Serjoca, Aurélia, no desenrolar da narrativa, culmina num extrapolarmento e inquietação da personagem por achar-se “bebida” e ter sua essência arrancada, e manter uma relação de disjunção com essa aparência artificial.

5.2 – Semântica narrativa

Em “Ele me bebeu” encontra-se a história de uma mulher bonita, como bem descreve o conto, “Aurélia era bonita e, maquiada, ficava deslumbrante”. (LISPECTOR, 1998, p.47). Como se nota, a imagem que Aurélia idealizava expor era manipulada pelo trabalho de Serjoca que a maquiava, e percebe-se já como uma linda mulher usou da maquiagem para camuflar parte de sua beleza, o que para um analista semiótico, isto é caracterizado por uma paixão: a inveja. Para Greimas, este sentimento é caracterizado como um “sentimento de tristeza, de irritação” ou “de ódio que nos anima contra quem possui um bem que não temos” ou o “desejo de gozar de uma vantagem, de um prazer igual ao de outrem”. (GREIMAS, 1993, p. 176).

No conto em análise, a inveja de Serjoca é caracterizada na seguinte passagem: (“... Serjoca tinha anulado o seu rosto. Mesmo os ossos – e tinha uma ossatura espetacular – mesmo os ossos tinham desaparecido. Ele está me bebendo, pensou ele vai me destruir. E é por causa do

Affonso...”) (LISPECTOR, 1964, p. 50). E essa paixão implica em querer que o outro não seja, isto é, o valor desejado por Serjoca (beleza) está em conjunção com outro (Aurélia).

Aurélia tardou em perceber que Serjoca fabricava uma Aurélia e a desfigurava: ela certo dia olha-se no espelho, sem maquiagem, o qual serviu para que percebesse a duplicidade de sua pessoa. Diante disso, o encontro de Aurélia consigo mesma acontece e, a partir daí, assume os valores da essência. Diante disso, percebe-se o percurso da sanção, aquele em que ocorre a constatação de que a performance realizou-se e, por conseguinte, operou a transformação. Eventualmente, nessa fase, distribuem-se prêmios ou castigos. No conto, a busca obsessiva por uma aparência artificial é castigada, uma vez que Serjoca “arrancava o rosto” de Aurélia.

6 – Nível Discursivo

A última etapa, a mais concreta, é o das estruturas discursivas, as quais devem ser examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, nesse caso, o narrador debreia enunciativamente (eu-aqui-agora). Em “Ele me bebeu” utilizam-se recursos discursivos variados para produzir uma ilusão de verdade. Projeta-se um narrador em que a partir do uso do “eu” obter-se-á o efeito de subjetividade e assim, chega-se à ilusão de realidade (“Serjoca está tirando o meu rosto” (LISPECTOR, 1964, p. 50).

Em linhas gerais, o conto em análise começa com o enunciador atribuindo ao narrador a voz, isto é, o dever e o poder narrar o discurso em seu lugar: (...) Serjoca era maquilador de mulheres. Mas não queria nada com as mulheres (...) Aurélia era bonita e, maquiada, ficava deslumbrante (...) (LISPECTOR, 1964, p. 47). No texto em análise, o enunciador opera debreagem internas, pois o narrador dá palavra às pessoas do enunciado ou da enunciação já instaladas no enunciado. Assim, intercalam-se a desembreagem enunciaiva, pois projeta no enunciado uma terceira pessoa: (...)Aí Affonso disse:- E se fôssemos jantar na minha casa? Tenho hoje escargots e frango com trufas(...). (LISPECTOR, 1964, p. 49).

6.1 – Semântica discursiva

A narrativa conto são, por excelência, textos em que se apresenta a criação de um universo, um simulacro de realidade e que condensa um conflito, tempo, espaço e personagens. Assim, textos desse gênero apresentam uma figurativização em que constrói textos concretos, cuja finalidade principal é criar um simulacro do mundo. Diante disso, o programa narrativo que temos é Aurélia que tem a competência (sabe e pode) aparentar-se outra utilizando uma espécie de máscara facial com a maquiagem e conquistar, por exemplo, amorosamente Affonso, mas nada acontece.

Ademais, a oposição do nível fundamental ser vs. aparência e essência vs. aparência

organizam-se no discurso por meio de isotopias figurativas que fazem emergir os sentidos. O conto clariciano, enfoca uma representação de inúmeros comportamentos femininos em que a busca ideal de beleza, por muitas vezes as despersonalizam, atitude provavelmente influenciada por um biótipo padrão, se considerarmos que a televisão, o cinema, a propaganda e outras mídias veiculam um ideal de beleza fabricada na qual o corpo ideal desejado pelas mulheres seria um rosto bonito (maquiado), corpo esbelto e seios fartos. Dito de outro modo, o tema da aparência artificial(não ser) é figurativizado em Aurélia Nascimento, quando está maquiada; a maquiagem figurativiza o tema beleza artificial.

A partir do ponto de vista da semiótica das paixões, proposto por Greimas em parceria com Fontanille, em que se notabilizou que textos verbais e não verbais apresentavam informações que representavam os sentimentos como conteúdo, e no conto clariciano observou-se que na medida em que Serjoca maquiava Aurélia, ele ao mesmo tempo a desfigurava e deseja assumir sua personalidade, esse sentimento ser ou querer possuir algo de outro é a inveja. O próprio título da narrativa “Ele me bebeu”, remete a uma ideia de apropriação, ele (Serjoca) apropriou-se de Aurélia. Ainda no conto pode-se perceber outro aspecto, há provavelmente uma quebra de expectativa quando perde Affonso de Carvalho para Serjoca, algo que não se poderia esperar dentro dos padrões sociais, uma vez que havia uma disputa entre ele e ela para a conquista amorosa de Affonso.

7 – Considerações Finais

Como maneira de não concluir, mas conduzir a outros horizontes, este estudo buscou, portanto, pôr em relevo uma leitura semiótica e, diante disso, abstraiu como relevante que o conto provavelmente revela a grande preocupação de perfis femininos buscarem manipularem sua aparência.

Ademais, Aurélia, personagem principal do conto em estudo, seria uma espécie de narcisista tendo em vista, termo este da mitologia grega que retoma a imagem de Narciso que se enamora de sua autoimagem. Aurélia estava aficionada no início da narrativa pela sua imagem maquiada que se constituía em uma máscara facial para encarar a socialização. Acontece que sua imagem maquiada através do espelho passará a ser seu objeto transformador, uma vez que passa a elucidar, por meio de uma epifania, que a sua essência estava sendo “arrancada”.

Portanto, percebe-se que somente na ausência de maquiagem e, ao olhar no espelho, provêm um enclaustramento de consciência em Aurélia. Neste momento, ela passa a ser não somente Aurélia, ela é Aurélia Nascimento. Ou seja, o espelho foi um agente propiciador de mudança. E se fizermos uso da metáfora platônica do mito da caverna, essa personagem no início aprisionada em seu “eu fantasioso”, liberta-se e a luz provêm da mirada no espelho. Aurélia, pois, ao libertar das

amarras do fundo da caverna de seu eu, passa a questionar a sua subjetividade, bem como sua identidade em que a essência passa a ser evidência de sua ação e não mais da aparência como antes. A partir de WOLF (1992) e BARROS (2005) foi possível o diálogo de áreas do conhecimento entre literatura, psicanálise, antropologia e sociologia.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana Luz de. **Teoria Semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- GREIMAS, A. J., FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.
- LISPECTOR, Clarice. “Ele me bebeu”. In: _____. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 47-51.
- Sá, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.